

Servidor marca greve para segunda-feira

Carlos Moura

Fernanda Lambach
Da equipe do Correio

A partir de segunda-feira, os hospitais da Fundação Hospitalar do Distrito Federal estarão bem mais vazios do que estão agora, com a greve de três mil médicos.

É que outros 17 mil funcionários, de nível superior, médio e de apoio, decidiram em assembleia, ontem, que também vão parar por tempo indeterminado.

Eles não aprovaram proposta apresentada pelo Governo do Distrito Federal que aumentava os pisos salariais dos médicos e outros servidores, sem que isso repercutisse na tabela salarial deles.

Servidores de nível básico, como motoristas por exemplo, entrariam na fundação recebendo R\$ 381,52 (valor de janeiro) e, em setembro, receberiam R\$ 467,48.

“A proposta do governo beneficiaria apenas um terço de todos os servidores e, por isso, não foi aceita”, diz a deputada distrital Maria José Maninha (PT), que discursou na assembleia.

Unidade — Maninha, que é médica, repetiu que o movimento grevista deve ser unificado. Apesar dos médicos terem iniciado antes a paralisação, agora eles pretendem lutar por melhores salários ao lado de todos os demais servidores da Fundação Hospitalar.

A direção do *Sindicatão* (que reúne todos os que trabalham na Saúde) quer, além do aumento do piso salarial, o pagamento de tíquete-alimentação e a incorporação de 55% de gratificação aos salários.

Hoje e amanhã, enfermeiros, dentistas, psicólogos e outros servidores de nível superior, intermediário e básico vão se reunir em assembleias nos hospitais regionais para organizar a greve.

Causas — Faixas, adesivos e informativos serão impressos para que a população saiba, com mais de 72 horas de antecedência, as razões da greve.

“É hora do governo tomar consciência de que a Saúde existe”, disse a diretora do *Sindicatão*, Maria Batista Ribeiro.

No próximo dia 6, os servidores da Saúde pretendem fazer um ato, às 9h, em frente ao Palácio do Buriti.

As 10h30 eles vão até a Esplanada dos Ministérios integrar o movimento contra as reformas da Previdência.

No dia 8, os grevistas fazem nova assembleia para avaliar possíveis propostas do governo.

“A greve pode ser prolongada dependendo da negociação com o governo”, opinou Iris Carlos, diretor do *Sindicatão*.



Na assembleia, funcionários de hospitais rejeitaram proposta do governo